

psicológico junto ao paciente internado. Os dados levantados também mostram que 30% da equipe médica nunca informam os pacientes sobre o serviço de Psicologia, contra apenas 2% da equipe de enfermagem. Verificou-se que ambos os grupos consideram como o principal objetivo do psicólogo no contexto hospitalar o auxílio na relação da equipe de saúde com o paciente e seus familiares. A presente pesquisa reforça a importância da Psicologia no contexto hospitalar, tanto no manejo com pacientes internados e seus familiares, como com a própria equipe médica e de enfermagem, percebendo-se que esta atuação proporcionaria melhorias a todos os envolvidos. Cabe aos profissionais de saúde, de um modo geral, promover cada vez mais a atuação interdisciplinar para implantar um atendimento humanizado no ambiente hospitalar, baseado em valores que considerem os aspectos biopsicossociais do paciente.

Apresentação 3: AS VIVÊNCIAS DE MORTE E LUTO NO HOSPITAL GERAL

Autor(a): Lívia Kondrat Pinto (1), Walquiria Fonseca Duarte (1,2), Milene Shimabuku Silva Berto (3) ((1) Universidade de São Paulo - IPUSP, (2) Universidade de Santo Amaro - UNISA, (3) Hospital do Servidor Público Estadual)

Resumo: Quando um dos membros de uma família adoece gravemente ou morre, ocorre uma ruptura do equilíbrio familiar, provocando alterações psíquicas nos seus componentes. O objetivo dessa pesquisa foi o de analisar o processo de luto vivenciado por um familiar e uma paciente, de casos clínicos com diagnóstico de doenças terminais, ilustrados por fragmentos de associações verbais durante entrevistas realizadas durante os atendimentos na Seção de Psicologia do Hospital do Servidor Público Estadual. O primeiro deles, de 28 anos, é filho de uma paciente de 56 anos com diagnóstico de câncer e sepse. O segundo é de uma paciente com leucemia, de 53 anos, atendida pelo setor de Psicologia desde a sua internação até a sua morte. Foram realizadas entrevistas dirigidas tanto para o foco da doença, quanto para as estratégias de enfrentamento e as consequências na família. Serão discutidas as formas de se lidar com a realidade da morte e o morrer nesses dois casos. O processo de luto se iniciou a partir do momento que os pacientes e familiares receberam o diagnóstico de uma doença terminal, e teve seu desencadeamento pelo luto de um corpo até então saudável, das restrições e limitações progressivas desse mesmo corpo, e do adiamento ou mesmo desistência dos projetos e planos de vida em curso. Repercussões sobre a rede familiar e social, a natureza do vínculo da família com a pessoa perdida e a função da pessoa do paciente no sistema familiar serão associados à vivência do luto denominado complicado.

Apresentação 4: A ATUAÇÃO DO ANALISTA NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA NEONATAL

Autor(a): Prislaine Krodi dos Santos (1), Walquiria Fonseca Duarte (1,2) ((1) Universidade de São Paulo - IPUSP, (2) Universidade de Santo Amaro - UNISA)

Resumo: Com base nas observações e na escuta de uma analista em uma unidade de terapia intensiva neonatal (UTI Neonatal), um conjunto articulado do saber e do fazer da prática clínica em psicanálise foi sendo construído ao longo do trabalho em um hospital. As situações-limite vividas pelos recém-nascidos, por seus pais e pela equipe de saúde delimitaram uma marca na história desses personagens que por lá passaram. Os conceitos de angústia e de desamparo, buscados na teoria psicanalítica freudiana, possibilitaram uma releitura dos extremos de vida e morte paradoxalmente presentes nesse cenário e em seus personagens. Um cenário tenso, repleto de conflitos e angústias a serem nomeados, em meio ao desamparo enquanto situação e condição humana. A UTI Neonatal coloca um desafio ao analista que dela escolhe se ocupar, em meio a fios, tubos, apitos, monitores e equipamentos altamente tecnológicos, regras, olhares e proibições. Tomar o bebê e sua família como interlocutores permite uma comunicação que transita